

## *O mistério da cebola e o verniz estragado*

Primo Levi (1917-1987) foi um químico italiano com um percurso extraordinário, brutalmente marcado por onze meses que passou num campo de concentração nazi, por ser um judeu na Itália do tempo de Mussolini. Essa passagem por Auschwitz está sublimemente contada no seu livro *Se isto É Um Homem* (Teorema, 1988). Tendo-se afirmado como um talentoso e reconhecido escritor, Primo Levi teve vários empregos ligados à sua formação em química e mesmo no campo de concentração trabalhou como químico, o que terá sido decisivo para a sua sobrevivência.

Em 1946 e 1947, depois de sair do campo da morte, trabalhou numa fábrica de vernizes, tendo encontrado numa antiga técnica de fabrico instruções para adicionar duas rodelas de cebola quase no fim da cozedura do óleo de linhaça. Sem mais explicações ou propostas culinárias para o resto da cebola. Rodelas de cebola, como o leitor poderá imaginar, não são uma presença habitual na indústria química (a não ser nos refeitórios) e a perplexidade de Primo Levi não terá sido inferior à nossa. Alguns anos mais tarde, levantou a questão da cebola numa conversa com o seu antecessor na fábrica dos vernizes, Giacomasso Olindo, então com mais de 70 anos de idade. A explicação encontra-se no seu livro *O Sistema Periódico* (Gradiva, 1988):

*[...] sorrindo benevolmente sob os fartos bigodes brancos, explicara-me que, com efeito, quando era jovem e cozia o óleo pessoalmente, ainda não se usavam os termómetros. Avaliava-se a temperatura da cozedura observando os fumos, cuspidos lá para dentro ou então, mais racionalmente, mergulhando no óleo uma rodela de cebola enfiada na ponta de um espeto; quando a cebola começava a fritar era sinal de que a cozedura estava como devia. Evidentemente, com o passar dos anos, aquela que tinha sido uma rude operação de medida perdera o seu significado e transformara-se numa prática mística e mágica.*

Estava esclarecido o mistério da cebola.

Noutra ocasião, foi pedido a Primo Levi que descobrisse porque é que vários lotes de verniz se tinham estragado. Deveria ocorrer um erro no processo de fabrico que levava a que, por vezes, o verniz solidificasse dentro das latas e ficasse com uma consistência parecida com a de um fígado. Remexeu a papelada da fábrica e

descobriu um método analítico, que servia para controlar a qualidade de um dos componentes do verniz. A dada altura, era ordenada a adição de 23 gotas de um determinado reagente. Primo Levi desconfiou de que fosse usado um tão elevado número de gotas (uma quantidade tão indefinida). Fez as contas e chegou à conclusão de que a dose era absurdamente elevada. Como resultado, a análise era recorrentemente viciada: todos os lotes da matéria-prima eram aprovados, mesmo que não tivessem qualidade. A explicação para a «figadição» dos vernizes estava encontrada: o fenómeno ocorria sempre que, por acaso, um dos materiais de partida não estava em condições. Primo Levi procurou a versão anterior do método de análise e encontrou a indicação «2 ou 3 gotas», com o «ou» meio apagado. Evidentemente, perdeu-se na transcrição.

TÍTULO: *Darwin aos Tiros e Outras Histórias de Ciência*

AUTORES: Carlos Fiolhais e David Marçal

EDITORA: Gradiva Publicações, S.A.

LOCAL : Lisboa

EDIÇÃO: 1ª

DATA: Outubro de 2011